



Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Responsabilidade social e internacionalização

Reitores de mais de mil instituições de ensino superior oriundos de 33 países estiveram reunidos durante dois dias no Rio de Janeiro no final de julho para debater o presente e o futuro das universidades ibero-americanas, potencialidades, limitações e integração com os demais sistemas universitários de outros continentes. A Carta Universária Rio 2014 (<http://bit.ly/1n6IO4X>), documento que apresenta questões estratégicas e propostas lá discutidas, constitui uma rica fonte de reflexão e de inspiração; e, neste aspecto, chamo a atenção para duas questões-chave abordadas no encontro: a consolidação do espaço ibero-americano do conhecimento e a responsabilidade social da universidade.

A integração dos países deve envolver, necessariamente, a interação acadêmica por meio de programas de mobilidade, de cursos compartilhados e de projetos de pesquisa cooperativos. De outra parte, tais iniciativas podem ter como substrato as exigências das sociedades em que estão inseridas as universidades, tais como inclusão social, desenvolvimento sustentável, bem-estar e proteção ao meio ambiente. Assim, a internacionalização acadêmica transforma-se numa estratégia importante para desenvolver a própria missão da universidade. Sabedora da importância desses preceitos para todos os que trabalham com Educação, a UFRGS vem mantendo ao longo do ano uma extensa e diversificada programação alusiva aos seus 80 anos, de forma a mostrar à comunidade que

está internacional e socialmente comprometida.

O mês de setembro inicia com a Aula Magna, ministrada pelo escritor moçambicano Mia Couto, com seu discurso suave e profundo, em que propõe reflexões sobre memórias, histórias e futuro. Na mesma semana, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos ministra conferência sobre as epistemologias do Sul e as ciências sociais do futuro, brindando o público com suas ideias sobre o mundo atual a partir das mobilizações protagonizadas pelos jovens nos últimos cinco anos.

Também fazem parte dessa programação duas reuniões da Associação das Universidades do Grupo Montevideo (AUGM), da qual a UFRGS ocupa a vice-presidência. Como instituição fundadora desse grupo de trinta universidades públicas de países do Mercosul, sedia o Seminário Internacional Universidade-Sociedade-Estado, evento anual da associação com o intuito de estabelecer e fortalecer vínculos entre acadêmicos e representantes do Estado e da sociedade. O tema do encontro, aberto à participação de todos, é *Construir o Bem Viver: Desenvolvimento Sustentável para Integração Regional do Cone Sul*. Após, os reitores da AUGM realizam reunião ordinária para debater projetos e ações. Com essa iniciativa, acreditamos que estamos dando passos importantes para assumirmos uma posição de destaque no cenário acadêmico ibero-americano e assim podermos melhor cumprir nossa missão social.

Artigo

Implicações do letramento literário

As especializações têm originado a compartimentação na educação, gerando novas disciplinas e exigindo adequações da escola. A Literatura foi atingida recentemente. No entanto, há um movimento no contrafluxo: uma volta à busca do geral, do amplo, do interdisciplinar. Para entender esse fenômeno, é necessário conhecer um conceito estruturante: o letramento.

Inicialmente citado nos trabalhos de Barton, Street, Gee e Heath, teóricos dos *Novos Estudos do Letramento*, o termo foi usado pela primeira vez por Mary Kato na obra *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, publicada no Brasil em 1986.

No entanto, a diferença entre alfabetização e letramento começou a ser estabelecida na literatura brasileira em 1988 na obra *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, de Leda M. Tfouni. A partir daí, a alfabetização restringe sua abrangência terminológica, referindo-se ao processo pelo qual o indivíduo adquire o domínio de um código e de habilidades para utilizá-lo na leitura e na escrita. O letramento abarca a aquisição dessa tecnologia e seu uso competente nas práticas sociais de leitura e escrita como um processo contínuo das sociedades letradas.

Visto como uma prática social, o letramento literário é considerado responsabilidade da escola. O conceito é mais complexo do que a ideia contida na atual disciplina de literatura escolar. Esta, prevista nos currículos do ensino médio e em alguns casos incluída nas

aulas de Língua Portuguesa do ensino fundamental, não raro é usada como ferramenta para ensinamentos linguísticos. O primeiro aponta para o uso prático do conhecimento advindo com as leituras.

Assim, há a necessidade de que o ensino de literatura na educação básica não se resume a aulas essencialmente informativas, nas quais os alunos apenas leiam excertos de textos pré-escolhidos em livros didáticos, com raras oportunidades de leituras de textos integrais. É preciso tomar cuidado para não descaracterizar a literatura, não apresentá-la desvinculada do contexto discente ou relacionada somente às características da época do texto ou de seu autor.

O maior benefício da leitura literária é o diálogo entre leitor e texto. Porém, só a leitura não garante o letramento literário; é fundamental uma exploração da obra para a troca de sentidos e o compartilhamento de visões de mundo. E esse é o papel da escola: ensinar essa atividade. Para tanto, o professor pode se apoiar em três critérios: o cânone, a atualidade da obra e a diversidade.

O primeiro é referente à herança cultural; não se pode ignorar o cânone na hora da seleção dos livros, nem é prudente se ater somente a ele. O segundo prevê a atualidade do texto, pois esse fator gera a facilidade ou o interesse pela leitura, quer dizer, as obras contemporâneas são aquelas escritas e publicadas em nosso tempo, enquanto as atuais são aquelas que têm significado em nosso tempo,

independentemente da época em que foram escritas ou publicadas. E o terceiro inclui a diversidade como princípio, pois a pluralidade de autores, obras e gêneros se constitui na direção mais popular.

Após a seleção da obra, a sistematização de atividades permite ao professor acompanhar o andamento do processo e atender individualmente. São quatro os passos da sequência: *motivação, introdução, leitura e interpretação*.

O sucesso inicial do encontro do leitor com o livro depende de *motivação*, e a atuação do professor pode ser decisiva nessa fase, seja discutindo ou apontando um tema, contando alguma passagem interessante, mostrando edições do mesmo livro, seja pelo uso de material publicitário ou de depoimentos retirados de jornais e revistas.

A *introdução* é a apresentação física do autor e do texto aos alunos. É o momento em que o professor chama a atenção para a capa, a orelha, a contracapa e para outros elementos paratextuais (apreciações críticas, prefácios, notas sobre o autor).

A *leitura* é a etapa seguinte. Sugiro negociar com os alunos o período de tempo para realizar essa tarefa e aconselho determinar um *intervalo*. Esse pode ser de natureza variada: leitura de textos menores, focalizando o mesmo tema; leitura conjunta de um capítulo. A importância do intervalo está em poder observar os alunos e atender aqueles com dificuldades na leitura.

A *interpretação* precisa ter como princí-

pio a externalização da leitura, isto é, o seu registro, e é constituída de dois momentos. Um interno, de caráter individual – o encontro do leitor com a obra –, que não pode ser substituído por nenhum mecanismo pedagógico, como filmes ou resumos. Outro externo – o registro por escrito.

Há muitas possibilidades de registro que dependem de diversos fatores: turmas, objetivos e obras. No entanto, é preciso variar suas formas para não automatizar a resposta à leitura. Algumas estratégias incluem recontar a história sob outro ponto de vista, recriar o seu final, inserir um capítulo, sugerir alteração de tempo, espaço ou personagens, escrever uma resenha. Essa fase pode ser enriquecida com a contextualização temática, histórica, estilística, poética, crítica ou teórica. Há fatores determinantes, contudo: a abrangência que se deseja com o trabalho e o próprio envolvimento do aluno.

A *motivação*, a *leitura* e a *interpretação* qualificam a interferência da escola no letramento literário; este, mesmo que pareça um ato pessoal, continua sendo social e se constitui um fenômeno cognitivo. O letramento literário é uma especialização que retoma o amplo, o geral, e é interdisciplinar, por isso permite pensar a formação integral do indivíduo.

Juçara Benvenuti
Professora de Literatura do
Colégio de Aplicação da UFRGS

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann

Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Ricardo Schneiders da Silva

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497 | Email: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Ánia Chala, Cassiano Kuchembecker Rosing, Cida Golin, Luiz Carlos Pinto, Michéle Oberson, Ricardo Schneiders da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer, Temístocles Cezar

Editor
Flávio Dutra (interino)

Subeditora
Jacira Cabral da Silveira

Repórteres
Everton Cardoso, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein

Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira e Kleiton Semensatto da Costa (Caderno JU)

Diagramação
Kleiton Semensatto da Costa

Fotografia
Flávio Dutra (Editor)

Revisão
Antônio Paim Falchetta

Bolsistas
Gabriel Jesus E. Brum, Gabriel Nonino, Laura Pacheco dos Santos, Martina Nichel e Manoella van Meegen (Jornalismo)

Circulação
Juliana Gonçalves Mota e Vanessa Gastal Fernandes

Fotolitos e Impressão
Gráfica da UFRGS

Tiragem
14 mil exemplares

Memória da UFRGS



1950

Alunos da ESEF nas comemorações da Semana da Pátria em foto no Parque Farroupilha, em Porto Alegre, por volta de 1952. À esquerda, o professor Frederico Guilherme Gaelzer.